

A HOMILIA E O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA
ANO A

DOMINGO IV DA PÁSCOA

CIC 754, 764, 2665: Cristo, pastor das ovelhas e porta do redil

754 «Assim a Igreja é o *redil*, cuja única e necessária porta é Cristo¹. E também o rebanho, do qual o próprio Deus predisse que seria o pastor², e cujas ovelhas, ainda que governadas por pastores humanos, são contudo guiadas e alimentadas sem cessar pelo próprio Cristo, bom Pastor e Príncipe dos pastores³, o qual deu a vida pelas suas ovelhas⁴»⁵.

764 «Este Reino manifesta-se aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo»⁶. Acolher a palavra de Jesus é «acolher o próprio Reino»⁷. O germe e começo do Reino é o «pequeno rebanho» (*Lc 12, 32*) daqueles que Jesus veio congregar ao seu redor e dos quais Ele próprio é o Pastor⁸. Eles constituem a verdadeira família de Jesus⁹. Àqueles que assim juntou em redor de Si, ensinou uma nova «maneira de agir», mas também uma oração própria¹⁰.

2665 A oração da Igreja, alimentada pela Palavra de Deus e pela celebração da liturgia, ensina-nos a orar ao Senhor Jesus. Mesmo sendo dirigida sobretudo ao Pai, ela inclui, em todas as tradições litúrgicas, formas de oração dirigidas a Cristo. Certos salmos, segundo a sua actualização na oração da Igreja, e o Novo Testamento, colocam nos nossos lábios e gravam nos nossos corações as invocações desta oração a Cristo: Filho de Deus, Verbo de Deus, Senhor, Salvador, Cordeiro de Deus, Rei, Filho muito amado, Filho da Virgem, Bom Pastor, nossa Vida, nossa Luz, nossa Esperança, nossa Ressurreição, Amigo dos homens...

CIC 553, 857, 861, 881, 896, 1558, 1561, 1568, 1574: o Papa e os bispos como pastores

553 Jesus confiou a Pedro uma autoridade específica: «Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus; tudo o que desligares na terra será desligado nos céus» (*Mt 16, 19*). O «poder das chaves» designa a autoridade para governar a Casa de Deus, que é a Igreja. Jesus, o «bom Pastor» (*Jo 10, 11*), confirmou este cargo depois da sua ressurreição: «Apascenta as minhas ovelhas» (*Jo 21, 15-17*). O poder de «ligar e desligar» significa a autoridade para absolver os pecados, pronunciar juízos doutrinários

¹ Cf. *Jo 10, 1-10*.

² Cf. *Is 40, 11; Ez 34, 11-31*.

³ Cf. *Jo 10, 11; Ez 34, 11-31*.

⁴ Cf. *Jo 10, 11-15*.

⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 6: AAS 57 (1965) 8.

⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

⁸ Cf. *Mt 10, 16; 26, 31; Jo 10, 1-21*.

⁹ Cf. *Mt 12, 49*.

¹⁰ Cf. *Mt 5-6*.

e tomar decisões disciplinares na Igreja. Jesus confiou esta autoridade à Igreja pelo ministério dos Apóstolos¹¹, e particularmente pelo de Pedro, o único a quem confiou explicitamente as chaves do Reino.

857 A Igreja é apostólica, porque está fundada sobre os Apóstolos. E isso em três sentidos:

- foi e continua a ser construída sobre o «alicerce dos Apóstolos» (*Ef* 2, 20¹²), testemunhas escolhidas e enviadas em missão pelo próprio Cristo¹³;
- guarda e transmite, com a ajuda do Espírito Santo que nela habita, a doutrina¹⁴, o bom depósito, as sãs palavras recebidas dos Apóstolos¹⁵;
- continua a ser ensinada, santificada e dirigida pelos Apóstolos até ao regresso de Cristo, graças àqueles que lhes sucedem no ofício pastoral: o colégio dos bispos, «assistido pelos presbíteros, em união com o sucessor de Pedro, pastor supremo da Igreja»¹⁶:

«Pastor eterno, não abandonais o vosso rebanho, mas sempre o guardais e protegeis por meio dos santos Apóstolos, para que seja conduzido através dos tempos, pelos mesmos chefes que pusestes à sua frente como representantes do vosso Filho, Jesus Cristo»¹⁷.

861 «Para que a missão que lhes fora confiada pudesse ser continuada depois da sua morte, os Apóstolos, como que por testamento, mandataram os seus cooperadores imediatos para levarem a cabo a sua tarefa e consolidarem a obra por eles começada, encomendando-lhes a guarda do rebanho em que o Espírito Santo os tinha instituído para apascentar a Igreja de Deus. Assim, instituíram homens nestas condições e tudo dispuseram para que, após a sua morte, outros homens provados tomassem conta do seu ministério»¹⁸.

881 Foi só de Simão, a quem deu o nome de Pedro, que o Senhor fez a pedra da sua Igreja. Confiou-lhe as chaves desta¹⁹ e instituiu-o pastor de todo o rebanho²⁰. «Mas o múnus de ligar e desligar, que foi dado a Pedro, também foi dado, sem dúvida alguma, ao colégio dos Apóstolos unidos ao seu chefe»²¹. Este múnus pastoral de Pedro e dos outros apóstolos pertence aos fundamentos da Igreja e é continuado pelos bispos sob o primado do Papa.

896 O Bom Pastor há-de ser o modelo e a «forma» do múnus pastoral do bispo. Consciente das suas fraquezas, «o bispo pode mostrar-se indulgente para com os ignorantes e os transviados. Não se furte a atender os que de si dependem, rodeando-os de carinho, como a verdadeiros filhos [...]. Quanto aos fiéis, devem viver unidos ao seu bispo como a Igreja a Jesus Cristo e Jesus Cristo ao Pai»²².

¹¹ Cf. *Mt* 18, 18.

¹² Cf. *Ap* 21, 14.

¹³ Cf. *Mt* 28, 16-20; *Act* 1, 8; *I Cor* 9, 1; 15, 7-8; *Gl* 1, 1; etc.

¹⁴ Cf. *Act* 2, 42.

¹⁵ Cf. 2 *Tm* 1, 13-14.

¹⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 5: AAS 58 (1966) 952.

¹⁷ *Prefácio dos Apóstolos I: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 426 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 493].

¹⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 20: AAS 57 (1965) 23; cf. SÃO CLEMENTE ROMANO, *Epistula ad Corinthios*, 42, 4: SC 167, 168-170 (FUNK, 1, 152); *Ibid*, 44, 2: SC 167, 172 (FUNK, 1, 154-156).

¹⁹ Cf. *Mt* 16, 18-19.

²⁰ Cf. *Jo* 21, 15-17.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 22: AAS 57 (1965) 26.

²² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 27: AAS 57 (1965) 33.

«Segui todos o bispo, como Jesus Cristo o Pai; e o presbitério como se fossem os Apóstolos; quanto aos diáconos, respeitai-os como à lei de Deus. Ninguém faça, à margem do bispo, nada do que diga respeito à Igreja»²³.

- 1558** «A consagração episcopal, juntamente com a função de santificar, confere também as funções de ensinar e governar [...] De facto, pela imposição das mãos e pelas palavras da consagração, a graça do Espírito Santo é dada e é impresso o carácter sagrado, de tal modo que os bispos fazem as vezes, de uma forma eminente e visível, do próprio Cristo, Mestre, Pastor e Pontífice, e actuam em vez d'Ele [*«in Eius persona agant»*]²⁴. Por isso, pelo Espírito Santo que lhes foi dado, os bispos foram constituídos verdadeiros e autênticos mestres da fé, pontífices e pastores»²⁵.
- 1561** Tudo o que acaba de ser dito explica porque é que a Eucaristia celebrada pelo bispo tem uma significação muito especial como expressão da Igreja reunida em torno do altar sob a presidência daquele que representa visivelmente Cristo, bom Pastor e Cabeça da sua Igreja²⁶.
- 1568** «Os presbíteros, elevados pela ordenação à Ordem do presbiterado, estão unidos entre si numa íntima fraternidade sacramental. Especialmente na diocese, a cujo serviço, sob o bispo respectivo, estão consagrados, formam um só presbitério»²⁷. A unidade do presbitério tem uma expressão litúrgica no costume segundo o qual, durante o rito da ordenação presbiteral, os presbíteros impõem também eles as mãos, depois do bispo.
- 1574** Como em todos os sacramentos, ritos anexos envolvem a celebração. Variando muito nas diversas tradições litúrgicas, têm todos um traço comum: exprimem os múltiplos aspectos da graça sacramental. Assim, os ritos iniciais, no rito latino – a apresentação e a eleição do ordinando, a alocução do bispo, o interrogatório do ordinando, as ladainhas dos santos – atestam que a escolha do candidato se fez em conformidade com o costume da Igreja e preparam o acto solene da consagração depois da qual vários ritos vêm exprimir e completar, de modo simbólico, o mistério realizado: para o bispo e para o sacerdote, a unção com o santo crisma, sinal da unção especial do Espírito Santo, que torna fecundo o seu ministério; entrega do livro dos Evangelhos, do anel, da mitra e do báculo ao bispo, em sinal da sua missão apostólica de anunciar a Palavra de Deus, da sua fidelidade à Igreja, esposa de Cristo, do seu múnus de pastor do rebanho do Senhor; para o presbítero, entrega da patena e do cálice, «a oferenda do povo santo»²⁸ que ele é chamado a apresentar a Deus; para o diácono, entrega do livro dos Evangelhos, pois acaba de receber a missão de anunciar o Evangelho de Cristo.

²³ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Smyrnaeos* 8, 1: SC 10bis, 138 (FUNK 1, 282).

²⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 21: AAS 57 (1965) 25.

²⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Christus Dominus*, 2: AAS 58 (1966) 674.

²⁶ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 41: AAS 56 (1964) 111; Id., Const. dogm. *Lumen Gentium*, 26: AAS 57 (1965) 31-32.

²⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 8: AAS 58 (1966) 1003.

²⁸ Cf. *Pontificale Romanum. De Ordinatione Episcopi, presbyterorum et diaconorum, De Ordinatione presbyterorum. Traditio panis et vini*, 163, editio typica altera (Typis Polyglottis Vaticanis 1990) p. 95 [*Ordenação do Bispo, dos presbíteros e dos diáconos, Entrega do pão e do vinho*, 163 (Coimbra, Gráfica de Coimbra – Conferência Episcopal Portuguesa, 1992) p. 107].

874 A fonte do ministério na Igreja é o próprio Cristo. Foi Ele que o instituiu e lhe deu autoridade e missão, orientação e finalidade.

«Cristo Senhor, para apascentar e aumentar continuamente o povo de Deus, instituiu na sua Igreja vários ministérios, para bem de todo o Corpo. Com efeito, os ministros que estão dotados do poder sagrado estão ao serviço dos seus irmãos, para que todos quantos pertencem ao povo de Deus [...] alcancem a salvação»²⁹.

1120 O ministério ordenado ou sacerdócio *ministerial*³⁰ está ao serviço do sacerdócio baptismal. Ele garante que, nos sacramentos, é de certeza Cristo que age pelo Espírito Santo em favor da Igreja. A missão de salvação, confiada pelo Pai ao seu Filho encarnado, é confiada aos Apóstolos e, por eles, aos seus sucessores; eles recebem o Espírito de Jesus para agirem em seu nome e na sua pessoa³¹. Assim, o ministro ordenado é o laço sacramental que une a acção litúrgica àquilo que disseram e fizeram os Apóstolos e, por eles, ao que disse e fez o próprio Cristo, fonte e fundamento dos sacramentos.

1465 Ao celebrar o sacramento da Penitência, o sacerdote exerce o ministério do bom Pastor que procura a ovelha perdida; do bom Samaritano que cura as feridas; do Pai que espera pelo filho pródigo e o acolhe no seu regresso; do justo juiz que não faz acepção de pessoas e cujo juízo é, ao mesmo tempo, justo e misericordioso. Em resumo, o sacerdote é sinal e instrumento do amor misericordioso de Deus para com o pecador.

1536 A Ordem é o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo aos Apóstolos continua a ser exercida na Igreja, até ao fim dos tempos; é, portanto, o sacramento do ministério apostólico. E compreende três graus: o episcopado, o presbiterado e o diaconado.

[Sobre a instituição e a missão do ministério apostólico por Cristo, ver números 874-896. Aqui apenas se trata da via sacramental pela qual se transmite este ministério].

1548 No serviço eclesial do ministro ordenado, é o próprio Cristo que está presente à sua Igreja, como Cabeça do seu corpo, Pastor do seu rebanho, Sumo-Sacerdote do sacrifício redentor, mestre da verdade. É o que a Igreja exprime quando diz que o padre, em virtude do sacramento da Ordem, age *in persona Christi Capitis* – na pessoa de Cristo Cabeça³²:

«É o mesmo Sacerdote, Jesus Cristo, de quem realmente o ministro faz as vezes. Se realmente o ministro é assimilado ao Sumo-Sacerdote, em virtude da consagração sacerdotal que recebeu, goza do direito de agir pelo poder do próprio Cristo que representa [virtute ac persona ipsius Christi]»³³.

²⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 18: AAS 57 (1965) 21-22.

³⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 14: AAS 57 (1965) 14.

³¹ Cf. *Jo* 20, 21-23; *Lc* 24, 47; *Mt* 28, 18-20.

³² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 10: AAS 57 (1965) 14; *Ibid.*, 28: AAS 57 (1965) 34; *Id.*, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 33: AAS 56 (1964) 108; *Id.*, *Decr. Christus Dominus*, 11: AAS 58 (1966) 677; *Id.*, *Decr. Presbyterorum ordinis*, 2: AAS 58 (1966) 992; *Ibid.*, 6: AAS 58 (1966) 999.

³³ Pio XII, Enc. *Mediator Dei*: AAS 39 (1947) 548.

«Cristo é a fonte de todo o sacerdócio: pois o sacerdócio da [antiga] lei era figura d'Ele, ao passo que o sacerdote da nova lei age na pessoa d'Ele»³⁴.

- 1549** Pelo ministério ordenado, especialmente dos bispos e padres, a presença de Cristo como cabeça da Igreja torna-se visível no meio da comunidade dos crentes³⁵. Segundo a bela expressão de Santo Inácio de Antioquia, o bispo é *týpos tou Patrós*, como que a imagem viva de Deus Pai³⁶.
- 1550** Esta presença de Cristo no seu ministro não deve ser entendida como se este estivesse premunido contra todas as fraquezas humanas, contra o afã de domínio, contra os erros, isto é, contra o pecado. A força do Espírito Santo não garante do mesmo modo todos os actos do ministro. Enquanto que nos sacramentos esta garantia é dada, de maneira que nem mesmo o pecado do ministro pode impedir o fruto da graça, há muitos outros actos em que a condição humana do ministro deixa vestígios, que nem sempre são sinal de fidelidade ao Evangelho e podem, por conseguinte, prejudicar a fecundidade apostólica da Igreja.
- 1551** Este sacerdócio é *ministerial*. «O encargo que o Senhor confiou aos pastores do seu Povo é um verdadeiro *serviço*»³⁷. Refere-se inteiramente a Cristo e aos homens. Depende inteiramente de Cristo e do seu sacerdócio único, e foi instituído em favor dos homens e da comunidade da Igreja. O sacramento da Ordem comunica «um poder sagrado», que não é senão o de Cristo. O exercício desta autoridade deve, pois, regular-se pelo modelo de Cristo, que por amor Se fez o último e servo de todos³⁸. «O Senhor disse claramente que o cuidado dispensado ao seu rebanho seria uma prova de amor para com Ele»³⁹.
- 1564** «Os presbíteros, embora não possuam o pontificado supremo e dependam dos bispos no exercício do próprio poder, todavia estão-lhes unidos na honra do sacerdócio; e, por virtude do sacramento da Ordem, são consagrados, à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote⁴⁰, para pregar o Evangelho, ser pastores dos fiéis e celebrar o culto divino *como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento*⁴¹.
- 2179** «A *paróquia* é uma certa comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob a autoridade do bispo diocesano, está confiada ao pároco, como a seu pastor próprio»⁴². É o lugar onde todos os fiéis podem reunir-se para a celebração dominical da Eucaristia. A paróquia inicia o povo cristão na expressão ordinária da vida litúrgica e reúne-o nesta celebração; ensina a doutrina salvífica de Cristo; e pratica a caridade do Senhor em obras boas e fraternas⁴³.

³⁴ «Christus est fons totius sacerdotii: nam sacerdos legalis erat figura ipsius, sacerdos autem novae legis in persona ipsius operatur»: SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 22, a. 4, c: Ed. Leon. 11, 260.

³⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 21: AAS 57 (1965) 24.

³⁶ Cf. SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Trallianos* 3, 1: SC 10bis, 96 (FUNK 1, 244); Id., *Epistula ad Magnesios* 6, 1: SC 10bis, 84 (FUNK 1, 234).

³⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 24: AAS 57 (1965) 29.

³⁸ Cf. *Mc* 10, 43-45; *1 Pe* 5, 3.

³⁹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *De sacerdotio* 2, 4: SC 272, 118 (PG 48, 635); cf. *Jo* 21, 15-17.

⁴⁰ Cf. *Heb* 5, 1-10; 7, 24; 9, 11-28.

⁴¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 28: AAS 57 (1965) 34.

⁴² CIC can. 515, § 1.

⁴³ Cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Christifideles laici*, 26: AAS 81 (1989) 437-440.

«Podes também rezar em tua casa; mas não podes rezar aí como na igreja, onde muitos se reúnem, onde o grito é lançado a Deus de um só coração.[...] Há lá qualquer coisa mais: a união dos espíritos, a harmonia das almas, o laço da caridade, as orações dos sacerdotes»⁴⁴.

2686 Os *ministros ordenados* são também responsáveis pela formação na oração dos seus irmãos e irmãs em Cristo. Servos do Bom Pastor, são ordenados para guiar o povo de Deus até às fontes vivas da oração: a Palavra de Deus, a Liturgia, a vida teologal, o «hoje» de Deus nas situações concretas⁴⁵.

CIC 14, 189, 1064, 1226, 1236, 1253-1255, 1427-1429: conversão, fé e Baptismo

14 Aqueles que, pela fé e pelo Baptismo, pertencem a Cristo, devem confessar a sua fé baptismal diante dos homens⁴⁶. Por isso, o Catecismo começa por expor em que consiste a Revelação, pela qual Deus Se dirige e Se dá ao homem, e a fé pela qual o homem responde a Deus (*Primeira Secção*). O Símbolo da fé resume os dons que Deus faz ao homem, como Autor de todo o bem, Redentor e Santificador, e articula-os em volta dos «três capítulos» do nosso Baptismo – a fé num só Deus: o Pai Todo-poderoso, Criador; e o seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador; e o Espírito Santo, na Santa Igreja (*Segunda Secção*).

189 A primeira «profissão de fé» faz-se por ocasião do Baptismo. O «símbolo da fé» é, antes de mais nada, o símbolo *baptismal*. E uma vez que o Baptismo é conferido «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (*Mt 28, 19*), as verdades da fé professadas por ocasião do Baptismo articulam-se segundo a sua referência às três pessoas da Santíssima Trindade.

1064 O «Ámen» final do Credo retoma e confirma, portanto, a palavra com que começa: «Creio». Crer é dizer «Ámen» às palavras, às promessas, aos mandamentos de Deus; é fiar-se totalmente n'Aquele que é o «Ámen» de infinito amor e perfeita fidelidade. A vida cristã de cada dia será, então, o «Ámen» ao «Creio» da profissão de fé do nosso Baptismo:

«Que o teu Símbolo seja para ti como um espelho. Revê-te nele, para ver se crês tudo quanto dizes crer. E alegra-te todos os dias na tua fé»⁴⁷.

1226 Desde o dia de Pentecostes que a Igreja vem celebrando e administrando o santo Baptismo. Com efeito, São Pedro declara à multidão, abalada pela sua pregação: «convertei-vos e peça cada um de vós o Baptismo em nome de Jesus Cristo, para vos serem perdoados os pecados. Recebereis então o dom do Espírito Santo» (*Act 2, 38*). Os Apóstolos e os seus colaboradores oferecem o Baptismo a quem quer que acredite em Jesus: judeus, pessoas tementes a Deus, pagãos⁴⁸. O Baptismo aparece sempre ligado à fé: «Acredita no Senhor Jesus e serás salvo juntamente com a tua família», declara São Paulo ao seu carcereiro em Filipos.

⁴⁴ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *De incomprehensibili Dei natura seu contra Anomeos*, 3, 6: SC 28bis, 218 (PL 48, 725).

⁴⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, *Decr. Presbyterorum ordinis*, 4-6: AAS 58 (1966) 995-1001.

⁴⁶ Cf. *Mt 10, 32; Rm 10, 9*.

⁴⁷ SANTO AGOSTINHO, *Sermão 58*, 11, 13: PL 38, 399.

⁴⁸ Cf. *Act 2, 41*: 8, 12-13; 10, 48; 16, 15.

E a narrativa continua: «o carcereiro [...] logo recebeu o Baptismo, juntamente com todos os seus» (*Act* 16, 31-33).

- 1236** O anúncio da Palavra de Deus ilumina com a verdade revelada os candidatos e a assembleia e suscita a resposta da fé, inseparável do Baptismo. Na verdade, o Baptismo é, de modo particular, o «sacramento da fé», uma vez que é a entrada sacramental na vida da fé.
- 1253** O Baptismo é o sacramento da fé⁴⁹. Mas a fé tem necessidade da comunidade dos crentes. Só na fé da Igreja é que cada um dos fiéis pode crer. A fé que se requer para o Baptismo não é uma fé perfeita e amadurecida, mas um princípio chamado a desenvolver-se. Ao catecúmeno ou ao seu padrinho pergunta-se: «Que pedis à Igreja de Deus?» E ele responde: «A fé!».
- 1254** Em todos os batizados, crianças ou adultos, a fé deve crescer *depois* do Baptismo. É por isso que a Igreja celebra todos os anos, na Vigília Pascal, a renovação das promessas do Baptismo. A preparação para o Baptismo conduz apenas ao umbral da vida nova. O Baptismo é a fonte da vida nova em Cristo, donde jorra toda a vida cristã.
- 1255** Para que a graça baptismal possa desenvolver-se, é importante a ajuda dos pais. Esse é também o papel do *padrinho* ou da *madrinha*, que devem ser pessoas de fé sólida, capazes e preparados para ajudar o novo batizado, criança ou adulto, no seu caminho de vida cristã⁵⁰. O seu múnus é um verdadeiro *ofício* eclesial⁵¹. Toda a comunidade eclesial tem uma parte de responsabilidade no desenvolvimento e na defesa da graça recebida no Baptismo.
- 1427** Jesus chama à conversão. Tal apelo é parte essencial do anúncio do Reino: «O tempo chegou ao seu termo, o Reino de Deus está próximo; convertei-vos e acreditai na boa-nova» (*Mc* 1, 15). Na pregação da Igreja, este apelo dirige-se, em primeiro lugar, àqueles que ainda não conhecem Cristo e o seu Evangelho. Por isso, o Baptismo é o momento principal da primeira e fundamental conversão. É pela fé na boa-nova e pelo Baptismo⁵² que se renuncia ao mal e se adquire a salvação, isto é, a remissão de todos os pecados e o dom da vida nova.
- 1428** Ora, o apelo de Cristo à conversão continua a fazer-se ouvir na vida dos cristãos. Esta *segunda conversão* é uma tarefa ininterrupta para toda a Igreja, que «contém pecadores no seu seio» e que é, «ao mesmo tempo, santa e necessitada de purificação, prosseguindo constantemente no seu esforço de penitência e de renovação»⁵³. Este esforço de conversão não é somente obra humana. É o movimento do «coração contrito»⁵⁴, atraído e movido pela graça⁵⁵ para responder ao amor misericordioso de Deus, que nos amou primeiro⁵⁶.

⁴⁹ Cf. *Mc* 16, 16.

⁵⁰ Cf. CIC can. 872-874.

⁵¹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 67: AAS 56 (1964) 118.

⁵² Cf. *Act* 2, 38.

⁵³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12.

⁵⁴ Cf. *Sl* 51, 19.

⁵⁵ Cf. *Jo* 6, 44; 12, 32.

⁵⁶ Cf. *1 Jo* 4, 10.

1429 Testemunho disto mesmo é a conversão de Pedro, depois de três vezes ter negado o seu mestre. O olhar infinitamente misericordioso de Jesus provocou-lhe lágrimas de arrependimento⁵⁷ e, depois da ressurreição do Senhor, a tríplice afirmação do seu amor para com Ele⁵⁸. A segunda conversão tem, também, uma dimensão *comunitária*. Isto aparece no apelo dirigido pelo Senhor a uma Igreja inteira: «Arrepende-te!» (*Ap 2, 5-16*).

Santo Ambrósio diz das duas conversões que, na Igreja, «existem a água e as lágrimas: a água do Baptismo e as lágrimas da Penitência»⁵⁹.

CIC 618, 2447: Cristo, um exemplo no suportar com paciência

618 A cruz é o único sacrifício de Cristo, «mediador único entre Deus e os homens»⁶⁰. Mas porque, na sua pessoa divina encarnada, «Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem»⁶¹, «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhecido»⁶². Convida os discípulos a «tomarem a sua cruz e a segui-Lo»⁶³ porque «sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos»⁶⁴. De facto, quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários⁶⁵. Isto realiza-se, em sumo grau, em sua Mãe, associada, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor⁶⁶:

«Fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu»⁶⁷.

2447 As obras de misericórdia são as acções caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais⁶⁸. Instruir, aconselhar, consolar, confortar, são obras de misericórdia espirituais, como perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporais consistem nomeadamente em dar de comer a quem tem fome, albergar quem não tem tecto, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, sepultar os mortos⁶⁹. Entre estes gestos, a esmola dada aos pobres⁷⁰ é um dos principais testemunhos da caridade fraterna e também uma prática de justiça que agrada a Deus⁷¹:

«Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos, faça o mesmo» (*Lc 3, 11*). «Dai antes de esmola do que possuis, e tudo para vós ficar limpo» (*Lc 11, 41*). «Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano, e um de vós lhe disser: “Ide em paz; tratai de vos aquecer e de matar a fome”, mas não lhes der o que é necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?» (*Tg 2, 15-16*)⁷².

⁵⁷ Cf. *Lc 22, 61-62*.

⁵⁸ Cf. *Jo 21, 15-17*.

⁵⁹ SANTO AMBRÓSIO, *Epistula extra collectionem* 1 [41], 12: CSEL 82/3, 152 (PL 16, 1116).

⁶⁰ Cf. *1 Tm 2, 5*.

⁶¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

⁶² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1043.

⁶³ Cf. *Mt 16, 24*.

⁶⁴ Cf. *1 Pe 2, 21*.

⁶⁵ Cf. *Mc 10, 39*; *Jo 21, 18-19*; *Ci 1, 24*.

⁶⁶ Cf. *Lc 2, 35*.

⁶⁷ SANTA ROSA DE LIMA: P. HANSEN, *Vita mirabilis [...] venerabilis sororis Rosae de sancta Maria Limensis* (Romae 1664), p. 137.

⁶⁸ Cf. *Is 58, 6-7*; *Heb 13, 3*.

⁶⁹ Cf. *Mt 25, 31-46*.

⁷⁰ Cf. *Tb 4, 5-11*; *Sir 17, 18*.

⁷¹ Cf. *Mt 6, 2-4*.

⁷² Cf. *1 Jo 3, 17*.